Godofredo Rangel/ Monteiro Lobato

|  |
| --- |
| **40 ANOS DE CORRESPONDÊNCIA** |

**São Paulo\_ 10/fev/05**

Lobato

Tanto tem de espirituosa a tua crônica da ilustração, aquela cadeira ininterrupta de belezas, como tem de pungente a gemebunda história do Ariel e da Rainha Mab. Pobre moço! Ainda na flor dos anos e já tão infeliz!

Disseste na tua última que não compreendias que relação havia entre arte e ciência, e nem porque eu te perguntava si a arte deve ser sempre científica. Achas isso um absurdo. Eu também. Fiz-te a pergunta porque em milhares de crônicas teratológicas tenho lido isso. Eu acho também que ciência é ciência e arte é arte.

Por isso é que reprovo quando Zola diz a verdade na arte... La verité, porque la verité... Ora, esta expressão tanto tem de pedante como de falsa. Na arte absolutamente não se cogita da verdade, dessa abstração mental, e apenas da fidelidade.

Quando dizes que obra de arte não é a mesma coisa que arte, tanto contrarias Zola, como o bom senso. O que é obra de arte? É um produto humano que tem qualidades artísticas. São estas qualidades que definem a arte, e sagram a obra como pertencendo a tal categoria. Assim, definindo-se o que seja obra de arte, define-se o que seja arte, implicitamente.

Atualmente enfastio-me. Isto por aqui é tão insípido como a roça. Pensei que viesse reviver, saindo de Caldas, mas agora compreendo que o gérmen do tédio não está naquela cidade e sim no meu organismo.

No Cenáculo não se discute mais literatura. Levamos a noite toda a nos processarmos mutuamente, no triangulo, e, quando nos encontramos tratamos de nos vermos livres uns dos outros. O Cenáculo acha que eu cheguei intratável da roça. Eu também me acho intratável para comigo mesmo.

Adeus, Lobato. Neste momento ainda as lágrimas saltam-me dos olhos pensando no pobre Ariel que lá está encafuado no oco do dinheiro.

Rangelyewsky

**Caldas, 12/jan/1905**

Lobatoyewscky

Há muitos dias resolvo escrever-te “depois das aulas”: mas depois das aulas infalivelmente estou frenético, irritadíssimo, estafado, e não o posso fazer. A noite estudo com fúria, assim como de manhã. Eis as causas do meu silêncio. Bem que ainda a minha disposição de ânimo neste instante esteja pouco temperada, vou te escrever, não fazendo deste ato um motivo *imediato* de satisfação para mim, e sim *mediato*, porque minha carta vai provocar tua resposta.

Respondendo a tua última pergunta, dir-te-ei que literatura só depois do exame, se me voltar o prurido *scribendi*. Se não, paciência.

Depois dos exames não residirei mais aqui, vou lecionar qualquer coisa no colégio que existe em minha terra, Carmo do Rio Verde (Silvestre Ferraz). Lá terei mais folga e as idéias menos atropeladas.

Que horror é a vida na roça, Lobato, e principalmente a de professor. É uma desgraça!

Diz-me o que fazes aí, se tens já trabalho... O “Minarete” (jornal) morreu?

Adeus, não tenho o que te escrever. Vês a que estado de burrice cheguei?

Rangel

PS. O que é feito do Ricardo que há quatro meses não escreve? Está em S. Paulo?

**Silvestre Ferraz (sem data)**

Prezadíssimo Lobato,

Cá está o teu amigo mergulhado na tranqüilidade mais pacata e na inércia mais beatifica, sem idéias, sem sentimentos, sem pesares, sem excessivas alegrias, gozando a realização forática do Nirvana, com grande aproximação. Neste momento, mesmo, só me prende o ouvido um vôo de mosca, um zurro de animal no largo e a minha vista só é presa por um risquinho na cal da parede ou por um tom desbotado da janela... Ouves? É um cachorrinho novo que ladra lá fora. Como fazem pouco eco os sons!

Queres saber como me sinto aqui? Um pouco como um homem que andou correndo mundo, atravessou Áfricas e varou pólos, que se atirou a todas as aventuras e a todos os trabalhos, exilado, ausente largos meses, e que afinal voltou à casa a repousar das fadigas da viagem. São as únicas emoções que sinto\_ emoções de repouso merecido, puramente domésticas. Não esperava isto. Desejaria encontrar ainda em mim capacidades para emoções incandescentes, que nunca tive, ou antes, como as que quase tive no ano passado.

Mas nem forças para lamentar essa incapacidade me restam! Estou demasiadamente presa desta serenidade para que lastime qualquer coisa. Sou um homem que possui provisoriamente a paz de espírito proporcionado única e exclusivamente pelo ócio e por uma espécie de isolamento espiritual. Vamos ver quanto me dura este estado. Não sinto nenhum pródromo de próxima tempestade. Parece que estou definitivamente instalado no que devia chegar.

Rangel

**28/jan/07**

Ora, o Zola um gênio! Tu me escandalizaste! Um homem de que todos os personagens se repetem, infalivelmente, repetindo-se como macacos o modo de falar, de sentir, de gesticular, de sonhar! Abre qualquer de seus romances, e lá verás sempre a mesma paixão épica, cega, obcecante, aprumando-se sempre para a mesma direção, tomada de um fatalismo irresistível, que a gente, lendo, fica adivinhando o decurso da obra toda. Um horror, uma máquina de repetição. As suas obras mais perfeitas têm um quê de artificial, que respiram por todos os poros. Ora, um homem que nunca passou a limpo o que escreveu! O que é impagável, é que a vida toda ele passou tomando apontamentos sobre tipos e locuções populares, mas assim como todos os seus visionários se imitam reciprocamente, assim também falam do mesmo modo.

Zola foi excessivamente exuberante. Aboletou-se como um *trabalhador* de um modo tal que a sua obra se ressente muito do profissionalismo, do hábito de escrever. Toda a sua abracadabrante bagagem poderia ser resumida em meia dúzia de volumes, ainda susceptíveis de redução.

Ah! Muito bem andaram o Eça e o Flaubert, aplicando o adstringente do cinzelamento, da seleção, ao seu prurido de comunicar o seu modo de sentir. Com menos ênfase e mais esmero, construíram obras mais duradouras...

**6/a/10**

Lobato,

Dei-me um mês de férias para me refazer da fadiga dos “Bem Casados”. Estou como se estivesse vindo de uma longa viagem de dois meses sem tréguas: e é estremunhado que estudo autos em atraso e releio a jornalada amontoada: ao mesmo tempo, com alvoroço contente de estudante que passou no exame, recomeço o português, prosseguindo na quarta leitura dos “Lusíadas” e relendo o “D. Quixote” do Jornal do Brasil, com dois volumes do Anatole à espera.

Recomeçar a escrever-te é um prêmio que me concedi.

Quando digo que passei em exames, não elogio com isso meu manuscrito: nem tão pouco o detraio, pois sobre ele não tenho juízo: bem como uma parreira não sabe dizer se são boas ou más os cachos que produz. Espero tua apreciação para ver claro: e depois do mês de espairecimento, vou operar a refusão do oito, caso o aproves, ou começar o n° 13, se o condenares.

(...)

Penitencio-me de uma frase que lá ficou atrás armando efeito: como uma parreira etc. Quero dizer que me sinto confuso para dizer se o livro é bom ou mau, oscilando entre estes dois juízos.

Que fim levou o Ricardo? Há um ano que esta mudo, devendo-me três respostas. Nas manifestações ao Ruy, em São Paulo, não se fala nele: ergo... há motivos para inquietações. Terá voltado para a Europa? (...)

Abraça-te

Rangel

**Campinas (1912)**

Lobato,

Recebi tuas duas cartas. Não achei aqui ainda ninguém que possa servir de agente do teu colégio (parabéns pela tua prometedora estréia) e talvez seja melhor obteres o intermédio de pessoa mais relacionada aqui. Creio que te arranjarei um bom agente em Machado: já escrevi para lá. Tão cedo não poderei escrever-te e minuciosamente relatar-te minha vida neste último trimestre. Mau grado ser juiz em Minas, ando aqui afogado na advocacia até o pescoço. Trabalho da manhã até à noite. Resultado, mesmo, por enquanto... esperanças. Nosso escritório é o mais procurado daqui, graças à nomeada do Bento Ferraz, meu concunhado e sócio. A última sessão do júri foi toda nossa, sem embargo de haver aqui uns 30 advogados. Tenho esperanças de obter, até o fim do ano, o meu primeiro conto de réis.

Adeus, tenho um habeas-corpus preventivo urgente a favor dos pedreiros grevistas. Ontem soltamos dois, e hoje mais dois. Ontem processamos um tipo por crime de rapto (moça de 23 anos): tudo foi tão bem feito e tão depressa, que às 8 da noite o juiz os unia solenemente perante a lei e os homens etc...

Ando com saudades da literatura e das piabas do Machado. O que de melhor li aqui foi o Gervásio Lobato, engraçadíssimo autor português, que deves conhecer.

Abraça-te o

Rangel

**14/7/14**

Yewscky

Concluí da tua ultima, depois de um relance retrospectivo sobre os últimos arrancos da nossa correspondência literária, que conseguiste enfim tornar-te um monumento de normalidade. És agora não um tipo de uma raça, mas um animal anônimo, com todos os caracteres médios da espécie. Gênero *homo*, espécie *fazendeirus*. Não quero, todavia, dizer que sejas um vulgar plantador de café ou batatas: salvas ainda um pouco, és, como se diz, um fazendeiro de vistas largas, que sabe no oportuno momento gozar esteticamente a simetria dum cafezal, e que busca, à falta das emoções poderosas de uma campanha bélica, ganhar pruridos napoleônicos, numa pirracinha de colonos. Pobre Napoleão sem espada! pobre literato sem literatura! Confesso-te você causou-me dó, essa espécie humilhante de dó, um pouco misturada de riso mau.

E pensar que aquilo é que foi o Lobato de outrora, disse-me eu, mandando-te um olhar comprido de pasmo, através das suas linhas garatujadas, *à la diable*, e, que rescendiam ligeiramente à inofensiva pólvora de traques da China. Aquilo é que foi outrora um moço que aspirou veemente a glória, que sonhou coisas imensas, de que cada uma das frases encarnava uma promessa. Prometeu. Era uma semente túrgida de seiva. Apontou triunfante rompendo o húmus. Desenvolveu formosos brotos e espalmou viçosas folhas e começou a alastrar... Derrepente parou. A vida ali exitava. Meditava talvez um arranque mais forte, preparava, ganhando forças, a folhagem invasora das trepadeiras *tigueras?* E a gente a esperar. Derrepente, o gomo terminal franziu, enrodilhou-se, encapotou. Era uma vez uma planta que prometia. Teu talento era apenas um ilusório esto de mocidade. (...) Faze-me dó. Olho-te como a um impotente que rebusca requintes de sensualidade para espertar a natureza que afrouxa. E dizes, ainda, num último fumo de ilusão literatura a *batons rompus*. Sim, não há dúvida que ler muito Balzac é ainda uma forma passiva de literatejar. Não tendo nada que dizer, consolas-te com impregnar-te do que disseram os outros. És um passivo, um ótimo tipo de leitor, do absorvido, és o leitor ideal que os romancistas sonham. Mas não sentes inveja e um surdo desespero de não teres conseguido ser nem a sombra de um Balzac? No teu caso, para não reavivar recordações penosas, eu me cingiria a Júlio Verne, a Ponson. (...) Que te importa Balzac? Que te importa a alma humana? Cingete a observar os teus colonos. É mais prático. O mais \_ lérias! E acresce que te pode prejudicar a lavoura. Enquanto a chuva ameaça, esqueces embebido num lance de gênio, o café exposto na eira, e que é preciso recolher prontamente. Segura ao menos a fortuna já que a glória, cujas penas tua mão roçou de passagem, subiu definitivamente para muito alto e muito longe. Nem uma carga de chumbo a atingirá: é apenas um pontinho escuro nas nuvens, lá no céu longínquo onde ficaram os entusiasmos dos teus vinte anos. Convence-te de que falhaste na arte. Em seguida, contenta-te em ser um ótimo cafelista. Nas horas vagas, podes ainda embeber-te em tuas inóquas aquarelas e fotografias. Fotografa o teu melhor cavalo e manda-o em efígie para as revistas pecuárias. Encher-te-á de orgulho a apreciação dos conhecedores: “sim, senhores, é puro sangue! Que cinta esbelta, que pernas finas e nervosas! Vale para aí coisa de cinco contos ou mais!” E arregalarão o olho, de inveja. Desejar-te-ão o teu cavalo. Recusarás por ele somas fabulosas, e tua afeição pelo quadrúpede reduplicará! Pudera! Um tesouro desejado como aquele!

Pode todavia acontecer que num momento de fraqueza desandes para o sentimentalismo. Olharás o passado e ficarás triste lembrando-te do que foste, do que quiseste ser. Esses momentos dolorosos não os evitarás. Ficarás acabrunhado, aniquilado. Então... não tens coisa mais razoável a fazer que rebuscar a papelada velha, procurando salvar algo do sossobro. Pouco acharás, porque o melhor esbanjaste em tuas cartas. Arrecada-as então, com o afinco do amigo íntimo de um morto célebre. Seleciona, faz um volume, ajunta um artigo crítico que valorize o livro e publica... Não desperdices um grão do teu ouro, porque a mina está esgotada. Aproveita o que tiver uns tantos quilates.

Isto parece-me um conselho salutar. Verás. Far-te-á bem. Terás uma nomeadazinha que te lisonjeará a vaidade. Pena é que tua consciência não ficará tranqüila. Sentirás vagamente, talvez, que estás enfeitando-te com as penas do pavão. Porque\_ entre o que somos e o que fomos, há um abismo. Cada um de nós é uma sucessão de pessoas no decorrer da vida. Mas não faz mal! Trata de iludir-te! Convence-te que o nome traz a unidade e que és sempre o mesmo, porque sempre te conheceram pelas seis letras do teu apelido e ninguém pensou em rebatizar-te. Menos eu, que agora te grito daqui a plenos pulmões: Falho! Raté!

Rangel

**13/10/16**

Lobato,

Soube hoje da morte do Ricardo. Que desmoronamento! Lá se foi o Minarete. O que mais sinto é tê-lo visto ultimamente sempre Ricardito, expansivo, espirituoso e afetivo. Afetivo, principalmente. Todo ele interesse por mim, afligindo-se sensivelmente de ver-me adoentado. Pediu-me que lhe escrevesse, prometendo que desta vez me responderia \_ chegou a assumir compromisso solene. Hoje iam para ele minhas primeiras linhas. Está dando o tanglomanglo muito cedo nos nossos do Minarete: Cândido uns vinte anos, Ricardo 33... E o Villalva também moço. Fiquei estupidificado pela notícia. Procurar o irremediável é uma péssima solução para as contrariedades da vida. E pensar que um conselho, dado a tempo, caindo oportunamente num desses espíritos apaixonados, podia torcer-lhe o rumo das idéias tétricas.

Creio que ninguém mais sofrerá essa morte que você, que foi sempre uma espécie de pai espiritual de nós todos, de patriarca da *tribu,* arregimentador de nossa falange debandada, pelo teu bom siso, calor de afeição rebuçada em ironia e superioridade espiritual. Pêsames, portanto, do

Rangel

**Out/ 15/1916**

Lobato,

Tenho pensado e falado tanto no pobre Ricardo, que acho melhor fazer desta carta um oásis em que ele seja propositalmente esquecido\_ tanto mais que essa obstrução do pensar e sentir deves estar sofrendo com maior intensidade por andares envolto em sua despedida...

Falemos do “Policarpo Quaresma” \_ a crítica, que devolvo, aguçou-me a vontade de conhecê-lo. (Parece-me que a literatura morreu com o Ricardo e que não há mais graça tocar no assunto). Acabei de ordenar mais ou menos tuas cartas. Fazem um pacote de uns dois quilos. Impressos, dariam uns cinco volumes a Charpentier. Cá estão ao teu dispor. Foi meu compêndio de estética. Você e o Ricardo foram os meus dois iniciadores, você tem continuado o que ele encetou, arrancando-me da mão romances de fancaria e orientando-me o gosto pela boa leitura. Tuas cartas são um curso completo, e mais uma vez te lembro que ali tens massa para um livro de arte maciça, condensada, além de outros de prosa leve, que seduzem pela naturalidade do dizer, aliada à sutileza do conceito\_ segredo que Anatole possui tão bem e que mais ganham como coleção de cartas. Se escrevesses um romance em cartas farias uma nova “Melle. de Maupin” que peco por ser mais romance que epístolas, se é que neste romance pode haver algo frágil. Quis tentar esta seleção em minhas cartas de amor\_ vi porém que o gênero não se prestava, dado o estado de estupidez e, que fica atacado o correspondente, e acabei, depois de relidas à Bárbara, para renovação de estudos d’alma antigos, e acabei por fazer delas um fogueirão, que não deflagrou menos intensamente que a labareda que as incendiava interiormente (...)

Rangel

**21/11/17**

Lobato,

Completo hoje 33 anos. E tu? Quantos já tens feito? Tua idade foi sempre um enigma para mim. Às vezes penso que não tens idade. E falas em cabelos brancos. Os que me apareceram brancos ainda têm conta. Uns quatro ou cinco, menos nas ventas, onde já estão branqueando francamente. Está aí um princípio de envelhecimento pouco poético. Quanto à literatura, procuro restaurar o velho hábito de terminar “números”. Acabei hoje meu livro de contos. Chamo “livro” apenas por espírito de coordenação e coleção. É o que há de menos livro, pelo disparatado da feitura de várias peças: “A Desforra”, trágico-fluvial, uma pasmaceria galinácea, uns derretimentos de “Tatá”, e mais matéria velha, tendo apenas que não conheces uns três contos, que não te mando por achá-los pouco dignos de uma viagem tão longa. Isto conto-te para que me retribuas logo com igual comunicação: que depois do “Saci” n° 1, já tens uma coletânea de contos (n° 2) e estás a cabo de um volume de crônicas (n° 3) e depois... que esse depois seja um romance.

Agora vou ver nestas férias colegiais se tiro meu n° 5 do velho manuscrito dos “Bem Casados”. Depois um livro de crítica aos pedacinhos, depenicando um livro, com notas à margem, desligados, evitando sínteses e generalidades: frisar o mais interessante. Depois um livro de reflexão e anedotas, uma espécie de mosaico.

Daqui uns tempos, se tiver pachorra e houver encontrado um bom plano de coordenação, quero ver se tiro um livro *teu* das tuas cartas. Manda-mas logo que possas, que preciso delas para rever algumas velhas coisas que me interessam. Creio que é legítima velhice esse gosto de reler e mexer em papéis velhos... Ou será sintoma de cabeça assentada. Quando a gente se desilude de esperar belas coisas do Futuro, vê que essas belas coisas já nos passaram despercebidas entre as mãos sôfregas: volvemos então a remexer no *bric-à-brac* do passado, onde encontramos o melhor do que buscávamos. Mas já é muito misticismo para uma só carta.

Rangel

**Três Pontas, 16/11/1919**

Lobato,

...Acabo de receber um cartão do Albino, participando-me em frases breves, incoerentes, que deixam transparecer delírios de júbilo, que se vai casar. Lembrou-me mandar-lhe aquela carta memorável que me escreveste e que te fiz reler nas vésperas do teu casamento. Assim, prestaria ela serviços pela terceira vez. Não a mandei, por achar-se ela aí em tuas garras, desde época remota em que incautamente te confiei tuas cartas, nunca suspeitando que elas se iam de vez, como as ilusões da juventude no soneto célebre...

Quanto a meu livro, segura breve (o “Vida Ociosa”) para que o edites em volume se ainda te mantiveres na mesma atrevida intenção. Vais talvez arriscar dinheiro impropriamente e, o que é pior, dinheiro da Sociedade que organizaste. Por isso, quando eu te mandar os originais, pensa bem antes, para que evites malogro daquela natureza para ti e remorsos para mim.

Não sei se já te disse que até nas profundas dos sertões vi teus “Urupês”. Encheste todo o Brasil com o teu nome. Trata de explorar essa nomeada, editando livros sucessivos. Tens matéria para uma biblioteca.

Teu nome me tem servido de carta de apresentação para muita gente. Quando digo que sou teu amigo, arregalam o olho de admiração e tratam-me nas palminhas!

Última leitura: “Pequenos Poemas em Prosa”, de Baudelaire. Livro para se ler aos 40 anos, depois de embotados, apáticos, para se obter mais um estremeção nos nervos.

Rangel



**29/12/20**

Lobato,

Recebi 15 exemplares do “Vida Ociosa”. O trabalho tipográfico está primoroso. Realça-lhe ainda o valor do prólogo. O Minarete já tem uma história narrada a sério por um historiador às direitas. Se o livro não valer por si, valerá pelo prólogo que é, não só uma crônica primorosamente escrita, como um repositório de dados interessantes sobre o pai do Jeca e sua formação literária. Porque, cá entre nós: o Cenáculo, afinal, era você. Se outros nomes dele ficarem é que tu os levarás a reboque pelos mares da glória, como bom amigo que és. Creio que a glória de Ramalho foi feita um tanto desse modo pelo Eça... Vejo pelo carinho que tiveram meu livro chocho e pueril que estão deveras resolvidos a lançar-me. Pelo êxito teremos a medida da força projetiva de vocês. Peguei da pena várias vezes para dirigir-me ao Hilário Tácito agradecendo, mas não soube como dirigir-me a ele. Aterra-me escrever a um homem de espírito, com que não privo. Isso me obrigaria a artesoar frases e repuxar conceitos finos do bestunto e duvido muito que fizesse coisa que não impressionasse mal. Reservo-me, por isso para agradecer-lhe pessoalmente quando eu aí for. (...)

Rangel

**29/12/22**

Lobato,

Aliviaste-me a consciência dizendo-me que a edição de “Vida Ociosa” está em menos de 400 exemplares. Agradecido pelo empenho (...)

Gostei muito do teu conto na revista, menos da entrada em matéria, que foi um tanto “penumbrista”. Resultado, provavelmente, de tua boa camaradagem com o Ribeiro Couto.

Quanto a mim, estou *também* a tentar o *futurismo* num romance que está difícil de escrever e que foi já batizado “A Filha”.

Saudades,

Rangel

**Belo Horizonte, 24 de julho de 1945**

Lobato,

Eu já tinha ouvido falar no teu discurso gravado e vi no “Estado” a imagem da Santa entronizada na Praça da Sé. Vê-se que os católicos estão resolvidos a preencher a vaga dos integralistas\_ ou são estes que se camuflam de católicos...

Quanto a você dizer que está muito mal, já no fim, penso que há basófia e eu se não fosse modesto, te diria cousas que te mostrariam minha superioridade neste ponto. Você passou por uma crise, nada mais. As crises brabas se têm sucedido para mim há anos. Às vezes é a fase da dispnéia (curo não pensando nela e com um cheiro discreto de alcool à distância) outras do coração, outras das hemorragias renais, ou da vista, de intolerância alimentar e ameaças de paralisia, etc), mas as crises passam, há curas provisórias sucessivas e a gente vai vivendo com mais treino de morrer, e sem o mal da impressão causada pelos sintomas novos (a tudo nos acostumamos: esse treino, afinal, é tapeação; são as nossas vitórias contra a morte).

Toca a viver, portanto, enquanto dura a brincadeira da vida, e a jogar fora os ossos para ferrar a carne, quanto a qualidade de nossos dentes e nosso estômago permita (...) É pena você estar “blasé”, segundo diz, com a nossa vidinha neste mundo. Quanto a mim, apesar dos pesares, ainda não estou, e você deve usar valentia consigo, para conservar o prazer de viver. Depois de uma certa idade, esta é uma planta necessitada de rega. Devemos regá-la com auto-sugestões, isto é fácil e sábio e, em suma, são armas usadas pela própria vida numa peleja cujo prêmio é ela mesma. A expectativa de morte é uma derrota antecipada. Nada de rendição antes do tempo. Morte à morte.

Não sei se esse meu otimismo incurável é causado pelo hábito das auto-sugestões, ou porque te levo vantagem negativa numa coisa: vivi menos, talvez, deixei de exprimir-me de vários modos, sou um bloco de recalques apisoados\_ de planos lindos e aparentemente frustros, mas que ainda não querem dar-se por tais. Pelo seu lado, também você que tanto viveu e lutou e venceu, poderá ter tido suas frustrações\_ e a sabedoria manda que agora a transforme em outros tantos centros de interesse, ou os substituas por outros mais viáveis, arraigados nos primitivos e adubados por eles...

Quanto a meu livro sobre Papai Noel, possivelmente não sairá este ano, devido à alta do papel. Tenho muitas coisas interessantes para dizer às crianças de todas as idades e que dariam para uma boa dúzia de volumes. Ainda hei de caçar editores para que algum dia saiam todos.

Rangel

**Belo Hor. 12/12/45**

Lobato,

Escrevendo a data supra, lembrei-me de um dia em que, juiz municipal no Machado, datei muitos despachos assim: 12/12/12, dizendo-me que só dali a um século eu poderia datar do mesmo modo. Lá se foi para traz uma montanha de tempo, e nunca me esqueci desta coisinha. Quanto aos primeiros 12/12, conto que os havemos de escrever muitas mais vezes. A gente vai-se esmirrando, vai fazendo concessões à vida e vai ficando. Agora, respirando um ar mais oxigenado de liberdade. Nunca me preocupei (como talvez o devesse) com a política. Nunca sofri grande coisa com ela, mas sinto assim mesmo o desafogo que ninguém poderá deixar de sentir, vendo-se livre desse tremendo *polvo estadonovista*, que aferrou toda uma nação inerme. Calculo por aí o que você, que tanto sofreu, deve ter sentido, e que teria sentido do mesmo modo, independente e franco como é, se nada tivesse sofrido. Que isto que digo sirva de parabéns para nós todos, e especialmente para você que é rebelde, um lutador nato.

Como vai a saúde? Sarou bem da operação? Ainda bem que não é preciso muito pulmão para se poder respirar. Num dos livros de Higiene que traduzi, talvez, o “Como devemos viver”, vi que em regra respiramos com apenas a décima parte da capacidade pulmonar utilizável. A natureza, além disso, é mestra em criar funções *vicariously*, como dizem os médicos, fazendo por exemplo que um rim restante filtre por dois.

Li, com prazer, a notícia do próximo aparecimento da nova “Barca”. Você deve ter posto lá muita coisa nova e interessante. Lendo o seu artigo no “Estado de São Paulo”, jornal ressurrecto de sua morte moral temporária, lembrei-me mais uma vez de que se você escrevesse algo parecido a Memórias, completaria com mais uma faceta valiosa as Obras Completas que tem no prelo. Pelo meu setor nada de interesse. Continuo a traduzir. Estou agora roendo um terrível “Emile Zola”, biografia, de um americano\_ cousa lenta, para meses.

Espero que sua próxima carta traga boas notícias de seu estado de saúde. Quanto a mim, ando estacionário no meu vegetar de sempre.

Rangel

**Belo Horizonte, 8/9/46**

Caro Lobato,

Como você desta vez emudeceu, esta vai reclamar notícias. Que tal a saúde? Continua bem restaurada?

Calculo que deva andar aí em grande atividade, não só devido à revisão de suas Obras Completas, que desejo sejam incompletíssimas, como também pelo que tem repercutido até aqui por informações de conhecidos e pelos jornais.

Tenho dado alguns retoques em cousas antigas (imagine! nos “Bem Casados”) por não ter a coragem de rasgar essas folhas antigas, escritas com tanto entusiasmo juvenil e para fins póstumos, provavelmente, por desejar compor um tanto o meu cadáver literário, como já disse... Não que pense em Morte\_ tenho dito que só me lembro dela para intuitos literários. Mas afinal, ainda que caminhemos velhice a dentro com as costas voltadas para ela, é verdade que mesmo assim teremos de cair entre suas mandíbulas.

A Morte! com que prazer eu pensaria nela a sério, se no Além houvesse novidades interessantes... Infelizmente você parou com as suas sondagens, que foram as únicas que me disseram alguma aproveitável, mas não convincente, por se tratar de experiência alheia. Todas as que tentei fazer pessoalmente redundaram em fracasso e decepção...

Estou rematando uma tradução e pedindo outra à Editora. Autor dificílimo o que roí\_ Mathew Josephson, mas que escreveu um livro encantador: “Zola e seu Tempo”. Zola! Isso me levou ao Belemzinho, ao Minarete. Revi num desfile da saudade os nossos velhos amigos\_ Flaubert, Daudet, Goncourt, Maupassant... Quanto essa gente envelheceu! Não tanto por ter desmerecido, mas por ter ficado esquecida. Acho que os críticos mais demolidores são as pasadas de terra que o tempo lança sobre os grandes livros...

Aguardo as notícias pedidas. Do velho

Rangel

**Belo Horizonte, 20 de março de 1948**

Lobato,

Segue uma carta de um meu correspondente João Corrêa Veiga, (peço devolução) por trazer algumas cousas interessantes sobre o “espiritualismo”, como dizem os espiritistas ortodoxos. Só agora desisti daquele velho teste que deu que fazer ao seu médico persa. Parece que, desde os tempos de Cristo os Tomés que exigem testes incorrem na reprovação geral. Um teste irrita, decerto porque intimamente tem o seu caráter de desafio.

Seu prefácio ao livro do Grama está estupendo. Igual foi a impressão de meu Nello, ainda mais descrente do que eu, que nada nego, e espero apenas ter razão para acreditar. Mas aquela “Opinião Pública” relaxa bastante seu deus (não criador, não onipotente, não onisciente nem omnividente\_ um deus precário como o de Maeterlinck na conclusão de “L’Inteligence des Fleurs”). O que me pareceu é que você, crendo na imortalidade dos espíritos, precisava dar um fim a estes, e a melhor solução que achou foi grudá-los uns nos outros fazendo-os um deus evolutivo, que não passa de uma espécie de deus *lata-de-despejo*

Ainda sobre o mesmo tema\_ estou achando interessantíssimo um livro de Huxley, autor citado na carta do Veiga, *O Tempo Deve Parar*. Lá pelo meio do livro morre um velho e vêm suas impressões de desencarnado em capítulos alternados com os da gente viva\_ tudo cousa do melhor quilate. Você precisa ler esse livro para saber um pouco o que o espera no *au-delà.*

Vi alguns de seus livros impressos na Argentina, um com figuras móveis. Vão causar sucesso entre a petizada.

Espero que V. se esteja dando bem com a privação do cigarro e com a digitalis. Também uso esta em minhas crises de gias, que às vezes me afetam bastante a “bomba” do sangue, que, aliás, talvez não seja mais forte do que a sua.

Vale!

Rangel

